

A VINHA E O VINHO NA HISTÓRIA DO ARquipélago DA MADEIRA

ALBERTO VIEIRA
CEHA-MADEIRA

O vinho é uma presença indelével no devir histórico da cristandade Ocidental. Acompanhou os primeiros cristãos nas catacumbas e a expansão monástica na Europa e dos europeus no Atlântico. A presença no acto litúrgico e alimentação traçou-lhe o caminho do protagonismo no quotidiano e economia do mundo cristão. As ilhas atlânticas são um dos exemplos disso.

Os europeus fizeram chegar as cepas a todo o lado, mesmo àqueles onde a cultura teria dificuldades em se adaptar como foi o caso de Cabo Verde. Apenas na Madeira, Açores e Canárias a qualidade e fama do produto fizeram com que se assumisse uma destacada dimensão comercial que animou o movimento com os mercados europeu e americano.

A concorrência foi feroz. Primeiro a disputa pelo mercado inglês, depois, no século XVIII, o norte-americano, onde a Madeira usufruiu uma posição de destaque, favorecida pelos tratados e leis de navegação estabelecidos pela coroa britânica.

O vinho Madeira foi, sem dúvida, o que mais se evidenciou no universo das ilhas. O luzidio rubinéctar, que continua a encher os cálices de cristal, é, não só, a materialização da pujança económica presente, mas também, o testemunho dum passado histórico de riqueza.

Prende-o à ilha uma tradição de mais de cinco séculos. Nele reflectem-se as épocas de progresso e de crise. No esquecimento de todos fica, quase sempre, a parte amarga da labuta diária do colono no campo e adegas, o árduo trabalho das vindimas, o alarido dos borracheiros.

Hoje, para recriar a ambiência, torna-se necessário olhar os restos materiais e ler os documentos, donde ainda é possível desbobinar o filme do quotidiano de luta, que se esconde por entre a ferrugem, a traça e o pó.

O Vinho Madeira, celebrado por poetas e apreciado por monarcas, príncipes, militares, exploradores e expedicionários, perdeu paulatinamente nos últimos cem anos parte significativa do mercado, fruto da conjuntura criada, nos finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX.

A desusada procura obrigou o madeirense a utilizar todo o vinho e a acelerar o processo de envelhecimento de modo a satisfazer os pedidos. Mas o futuro não era risonho. A abertura dos mercados conduziu a um certo fastio a partir de 1814. Depois as doenças acabaram com as cepas de boa qualidade, fazendo-as substituir pelo produtor directo que se manteve lado a lado com as europeias numa promiscuidade pouco adequada à preservação da qualidade.

O passado recente anunciou o retorno das castas tradicionais e abriu portas a novos momentos de riqueza.

A vinha e o vinho na Madeira

A presença da vinha na Madeira, associada aos primeiros colonos, é uma inevitabilidade do mundo cristão. O ritual religioso fez do pão e do vinho os elementos substanciais da prática e a tradição, fazendo deles símbolos da essência da vida humana e de Cristo. Ambos foram companheiros da expansão da Cristandade, sendo responsáveis pela revolução dos hábitos alimentares. A partir do séc. VII o comer pão e beber vinho simbolizava para o mundo cristão o sustento humano.

Em meados do século XV, com o arranque do processo de ocupação e de aproveitamento da ilha, é dada como certa a introdução de videiras do reino e, mais tarde, das célebres cepas do Mediterrâneo. João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, que receberam o domínio das capitâncias do arquipélago sob a direcção do monarca e do Infante D. Henrique, procederam ao desbravamento e cultivo, plantando as primeiras culturas trazidas do reino, onde se incluíam as cepas.

O Vinho Madeira adquiriu desde o princípio fama no mundo colonial, tornando-se na bebida preferida do militar e aventureiro na América ou Ásia. Escollhido pela aristocracia manteve-se com lugar cativo no mercado londrino, europeu e colonial. Perante isto, o ilhéu, desde o último quartel do século XVI, fez mudar os canaviais por vinhedos ao mesmo tempo que conquista novas terras à floresta a Sul e a Norte. O madeirense, embalado pela excessiva procura do vinho, esqueceu-se de assegurar a auto subsistência.

O vinho era a fonte de rendimento e a única moeda de troca para assegurar o alimento, indumentária e manufacturas. Daqui resultou uma troca desigual para o madeirense e muito rentável para o inglês.

No séc. XV o vinho competia com o trigo e açúcar assumindo uma posição de relevo na economia local, assumindo-se como um meio de troca no mercado externo. Os trigais e canaviais deram lugar às latadas e balseiras e a vinha tornou-se na cultura quase exclusiva. Tudo isto projectou o vinho para o primeiro lugar na actividade económica da ilha, mantendo-se por mais de três séculos.

O ilhéu apostou, desde o último quartel do séc. XVI, na cultura da vinha, tirando dela o necessário para o sustento e manter uma vida de luxo, construir sumptuosos palácios, igrejas e conventos. A Madeira viveu, entre o século XVII e princípios do XIX, embalada pela opulência do comércio do vinho. O madeirense, com tão avultados proventos, deixou-se vencer pelo luxo, habituou-se à vida cortesã e copiou os hábitos ingleses.

A política exclusiva da cultura da vinha, imposta pelo mercantilismo inglês, mereceu a reprovação quer do Governador e Capitão General, José. A. Sá Pereira, através de um “regimento de agricultura” para o Porto Santo, quer do Corregedor e Desembargador, António Rodrigues Veloso, nas instruções que deixou em 1782 na Câmara da Calheta. Mas, foi tudo em vão ninguém foi capaz de travar a “febre vitícola”, nem de convencer o viticultor a diversificar as culturas da terra. Vivia-se um momento de grande procura do vinho no mercado internacional e as colheitas eram insuficientes para satisfazer a incessante procura. Perante tão desusada solicitação e à falta de melhor socorriam-se dos vinhos do Norte da ilha e mesmo dos Açores e Canárias para saciar o sedento colonialista.

A rota do comércio do vinho começou a ser traçada no século XV, partindo da Europa ao encontro do colonialista na Ásia ou América. O comerciante inglês, que surgiu a partir do séc. XVII, soube tirar o máximo partido do produto fazendo-o chegar em quantidades volumosas às mãos dos compatriotas que o aguardavam nos quatro cantos do mundo.

Vários factores fizeram com que o inglês se instalasse na ilha e se afirmasse como o principal negociante do vinho. Para tanto contribuíram as condições favoráveis exaradas nos tratados luso-britânicos e o favorecimento que as regulamentações britânicas do comércio colonial atribuíram à Madeira. Do numeroso grupo de britânicos merecem referência: Richart Pickfort (1638/82), W. Boltom (1695/1714), James Leacock (1741), Francis Newton (1745), R. Blandy (1811).

As Canárias foram desde o princípio o competidor directo da Madeira no mercado do vinho europeu e colonial. A união peninsular não terá sido favorável ao vinho madeirense, uma vez que abriu as portas do mercado colonial ao vinho de Canárias. A conjuntura económica, que se anunciou em 1640, abriu novas perspectivas para o Malvasia da Madeira, com o retorno a uma posição de privilégio do mundo português e britânico. O competidor directo era o vinho dos Açores, produzido nas ilhas Graciosa e do Pico.

Os pactos de amizade entre as coroas de Portugal e Inglaterra sedimentaram as relações comerciais favorecendo a oferta do vinho madeirense e açoriano nas colónias britânicas da América Central e do Norte, como o determinavam as leis de navegação a partir de Carlos II, aprovadas em 1641¹².

A situação de privilégio concedida ao vinho dos arquipélagos portugueses repercutiu-se negativamente na economia das Canárias, podendo ser considerada um travão ao desenvolvimento da economia vitivinícola, a partir de finais do século XVII¹³.

O casamento de Carlos II de Inglaterra com D. Catarina de Bragança foi o prelúdio da conjuntura favorável ao vinho Madeira, sendo referido por Viera y Clavijo como um *golpe tan feliz para la isla de la Maderas como infausto para las Canárias*¹⁴. A guerra de Cromwell contra Espanha levou ao encerramento do mercado londrino, no período de 1655 a 1660, ao vinho de Canárias e ao estabelecimento de medidas preferenciais para o das ilhas portuguesas. O texto da ordenança de 1663, repetido mais tarde na de 1665, era claro: *Wines of the growth of Maderas, the Western Islands or Azores, may be carried from thence to any of the lands, islands, plantatinos, & colonies, territories or places to this majesty belonging, in Asia, Africa or America, in english built ships.*¹⁵

Com o fim da guerra de fronteiras entre Portugal e Espanha e a assinatura das pazes em Madrid a 5 de Janeiro de 1668, ratificadas a 13 de Fevereiro em Lisboa, restabeleceram-se os contactos entre os dois arquipélagos¹⁶.

O reforço das relações é testemunhado pela presença de Bento de Figueiredo no Funchal como cônsul castelhano¹⁷. Mas não acabaram aqui as dificuldades pois apenas com as pazes de Utrecht de 1713 se abriram novas perspectivas de negócio, quando os vinhos madeirenses e açorianos haviam conquistado uma posição sólida no mercado colonial e britânico. O arquipélago das Canárias encontrava-se na posi-

¹² Rupert CROFT-COKE, *Madeira*, Londres, 1961, pp. 26-28; André L. SIMON, "Introduction" e "Notes on Portugal Madeira and the Wines of Madeira", in *The Bolton Letters. Letters of an English Merchant in Madeira 1695-1714*, Londres, 1928.

¹³ A. Bethencourt MASSIEU, "Canarias Y Inglaterra. el Comercio de Vinos(1650-1800)", in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 2, 1956, pp. 195-308; IDEM, "Canarias y el Comercio de Vinos (siglo XVII)", in *Historia General de las Islas Canarias*, tomo, III, 1977, 266-273.

¹⁴ Citado por A. LORENZO-CÁCERES, *Malvasia y Flastaff. los Vinos de Canarias*, La Laguna, 1941, p. 19.

¹⁵ André L. SIMON, "Notes on Portugal, Madeira and the Wines of Madeira", in *The Bolton Letters. Letters of an English Merchant in Madeira 1695-1714*, Londres, 1928.

¹⁶ A coroa insistiu na nova situação, recomendando às autoridades madeirenses que publicitassem o que foi feito por meio de um bando a 8 de Maio. Veja-se Arquivo Regional da Madeira, *Câmara Municipal do Funchal*, n.º 1215, fls.37v.º 38.

¹⁷ *Ibidem*, n.º 1215, fls.58-58v.º, 17 de Dezembro de 1672.

ção de perdedor e a braços com uma crise económica por falta de escoamento do vinho¹⁸.

O movimento de exportação do vinho da Madeira nos sécs. XVIII e XIX liga-se de modo directo com o traçado das rotas marítimas coloniais inglesas que tinham passagem obrigatória na ilha. São as rotas da Inglaterra colonial que faziam do Funchal o porto de refresco e de carga para o vinho no percurso para as Índias Ocidentais e Orientais donde regressavam pela rota dos Açores, com o recheio colonial. Também os navios portugueses da rota das Índias, ou do Brasil escalavam a ilha onde recebiam o vinho para as praças lusas. São ainda os navios ingleses que se dirigiam à Madeira com manufacturas e retornavam por Gibraltar, Lisboa, ou Porto. E, finalmente, os navios norte-americanos que traziam as farinhas para sustento diário do madeirense e regressavam carregados de vinho. Por tudo isto o vinho madeirense conquistou o mercado britânico em África, Ásia e América afirmando-se até meados do séc. XIX como a bebida dos funcionários e militares das colónias. Com o movimento independentista das colónias todos regressaram à terra de origem trazendo o vinho na bagagem.

O momento de apogeu na exportação do vinho Madeira situa-se entre finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, altura em que a saída atingiu a média de 20.000 pipas. Mais de 2/3 do vinho exportado destinava-se ao mercado americano, com destaque para as Antilhas e as plantações do Sul da América do Norte e a área de N. York.

A primeira metade do séc. XIX foi pautada pela alteração no mercado consumidor do vinho da Madeira. Foi o período de afirmação de novo destino capaz de suprir a perda do mercado colonial. A Inglaterra e a Rússia substituíram as colónias a partir de 1831. O fim das guerras europeias, em princípios do séc. XIX, abriu as comportas do vinho europeu os mercados asiático e americano. A saída do colonialista foi considerada uma perda irreparável para o vinho Madeira.

Hoje, passados mais de quinhentos anos sobre a introdução da vinha na Madeira, estão ainda presentes na memória os tempos áureos de apreciação e comércio do vinho. A imagem passou rapidamente à História. À euforia da procura sucedeu a crise dos mercados, agravada pela presença das doenças que atacaram a vinha (oídio e filoxera).

A crise do sector produtivo, resultado de factores botânicos alastrou a todo o espaço vitícola com efeitos semelhantes na economia e mercado do vinho. Perdeu-se a ligação ancestral com as tradicionais castas europeias mas, em contrapartida, descobriram-se novas variedades americanas. As dificuldades do negócio conduziram à debandada dos agentes que haviam traçado o mercado. A Madeira conseguiu paulatinamente recuperar ou conquistar novos mercados.

¹⁸ G. STECKLEY, *art.cit.*, pp. 25-31.

O século XVII foi o momento de viragem no mercado atlântico do vinho, conseguindo a Madeira levar a melhor na preferência do mercado norte-americano e colónias das Antilhas. O vinho Madeira tornou-se numa moda do quotidiano das colónias britânicas. Os viticultores e comerciantes de Tenerife para poderem sobreviver tiveram que se sujeitar ao fabrico de um vinho semelhante ao Madeira, ou à baldeação com o de Tenerife para depois venderem com o rótulo de Madeira¹⁹. O século XVIII foi a época de plena afirmação do falso e verdadeiro Madeira²⁰.

ALGUMAS ESPECIFICIDADES

A partir de finais do século XVIII ocorreram profundas alterações no processo de vinificação madeirense provocadas, quer pelo funcionamento das estufas para aceleração do envelhecimento do vinho, quer pela adição de aguardentes, primeiro de França e, depois da terra, para fortificar os vinhos mais fracos. O método antigo, conhecido de canteiro, entrou em desuso, por ser mais demorado, dispendioso e incapaz de antender às solicitações do mercado. A solução estava nas estufas e na fortificação com as aguardentes.

D. João da Câmara Leme, que em meados do século XIX tomara contacto com os processos de vinificação utilizados no trato, apercebeu-se do deficiente uso das aguardentes e estufas, apostando numa solução mais rápida e eficaz para o trato do vinho, que ficou conhecida como *sistema canavial*, definido pelas seguintes fases: 1º – sistema sem aquecimento; 2º – sistema com aquecimento lento, ficando o vinho em comunicação com o ar ambiente; 3º – sistema com aquecimento rápido e arrefecimento lento, demorado ou não, em recipiente fechado²¹.

A situação privilegiada da comunidade britânica é resultado dos tratados de amizade, nomeadamente o de Methuen, e da estratégia definida pelas actas de navegação inglesas (em 1660 e 1665). A Madeira foi para os ingleses a ilha das escalas e abastecimento em vinho. São inúmeros os testemunhos da presença das armadas britânicas no porto do Funchal. A passagem era frequente, usufruindo de um tratamento especial das autoridades locais.

Algum do vinho embarcado fazia o percurso de ida e volta. Os tonéis de vinho no porão das embarcações estavam expostos ao calor dos trópicos e sujeitos à constante baldeação resultante das correntes marítimas, adquiria um envelheci-

¹⁹ Burguesia Extranjera y Comercio Atlántico. La Empresa Comercial Irlandesa en Canarias (1703-1771), Santa Cruz de Tenerife, 1985, pp. 317-332; G.L.Beer, The Old Colonial System. 1660-1754, N. York, vol. II, 1912, p. 287.

²⁰ Alberto Vieira, *Breviário da Vinha e do Vinho na Madeira*, Ponta Delgada, 1991, p. 30-31.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 1.